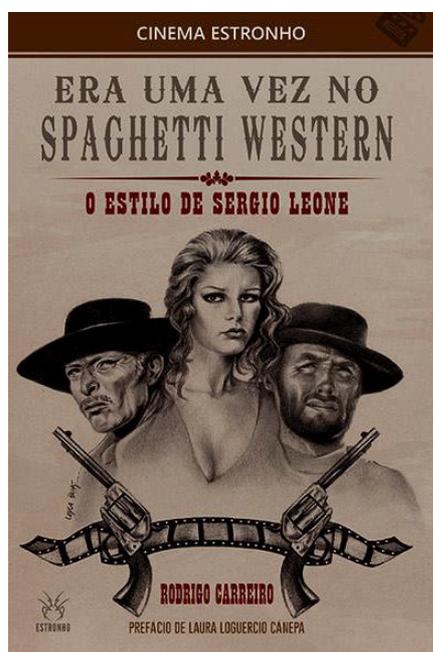


O Estilo Sergio Leone no faroeste italiano

Filipe Falcão¹



Resenha

CARREIRO, Rodrigo. *Era uma vez no spaghetti western - O estilo de Sergio Leone*. São José dos Pinhais, PR: Editora Estronho, 2014, 304 p.

¹ Doutorando de Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, Mestre pela Universidade Federal da Paraíba, Especialista pela Universidade Católica de Pernambuco. Docente das Faculdades Integradas Barros Melo – AESO
e-mail: filifalcao@gmail.com

Um leitor desatento que passe os olhos pela expressão "*spaghetti western*" pode pensar tratar-se de uma sátira cômica sobre o mais norte-americano dos gêneros: o western. Longe disso, estes filmes produzidos na Itália durante a década de 1960 não apenas mantiveram o interesse das pessoas por histórias do velho oeste como também apresentaram o diretor Sergio Leone, cujo trabalho estilístico influenciou desde títulos italianos da época até a produção norte-americana das décadas seguintes. Infelizmente, o nome de Leone costuma ser conhecido apenas pelos admiradores desta vertente filmica tão específica, embora sua contribuição tenha sido bem maior.

Rodrigo Carreiro traz no livro *Era uma vez no spaghetti western - O estilo de Sergio Leone*, lançado em 2014 pela editora Estronho, uma importante pesquisa deste tema pouco explorado nos estudos cinematográficos. Nas palavras do próprio autor, "como um todo, o *spaghetti western* não passa de nota de rodapé em livros de história do cinema" (CARREIRO, 2014: 20). O livro surge como resultado da tese de doutorado em Comunicação do pesquisador.

Além de acadêmico, Carreiro também é jornalista, tendo trabalhado durante anos como crítico de cinema em jornais pernambucanos. Desta forma, tem-se em *Era uma vez no spaghetti western - O estilo de Sergio Leone* a união harmoniosa entre uma rica pesquisa com a fruição de um texto jornalístico de qualidade. Em outras palavras, o livro de Carreiro é rico em informações e acessível para todo tipo de leitor.

Na primeira página da introdução do livro, Carreiro já deixa claro qual é o elemento mais importante na obra de Leone: o estilo. Aqui passamos a entender como o diretor utilizava recursos estilísticos e narrativos para conceber seus filmes. As películas de Leone eram diferentes, por exemplo, dos filmes de *western* produzidos nos Estados Unidos. Estas decisões estéticas foram diretamente responsáveis para que o trabalho de Leone passasse a ser considerado, décadas depois, pioneiro. Como consequência, ele passou a ser considerado, como o próprio livro deixa claro, como um cineasta autoral. Para que não tenhamos dificuldade em acompanhar o pensamento de Carreiro, o autor já deixa claro que "o termo estilo será utilizado como sinônimo de assinatura estilística individual" (CARREIRO, 2014: 32).

O texto de Carreiro é, antes de tudo, um relato apaixonado pela obra de Leone. Mas a paixão do pesquisador não o cega ao ponto de deixar o trabalho sem bases sólidas. O estudo que deu origem ao livro é transdisciplinar ao unir conceitos de vários campos de pesquisa. Desta forma, é comum e prazeroso encontrar diferentes pensamentos na publicação. Como destaque, é possível citar a narratologia estruturalista de Will Wright, dados sobre conceitos de poética cinematográfica de David Bordwell e Kristin Thompson, os estudos de gêneros fílmicos de Rick Altman e Edward Buscombe, os pensamentos culturais de Christopher Frayling, as abordagens de som e silêncio de Michel Chion, entre outros trabalhos.

Mas para entender este estilo ou o próprio *spaghetti western*, torna-se primeiramente necessário pontuar os filmes de *western* produzidos nos Estados Unidos anos antes. O gênero em questão é bastante lembrado como um dos principais representantes do cinema clássico norte-americano. É possível encontrar exemplos desde os primeiros anos do século XX ainda no cinema mudo e preto e branco. Com o passar do tempo, a chegada do som e das cores, os filmes de *cowboys* ou de faroeste, como também eram conhecidos, só faziam se multiplicar.

A história geralmente trazia alguns elementos icônicos como a figura do *cowboy* em um papel de justiceiro. Os cenários eram típicas cidades do velho oeste com seus bares e casas homogêneas. As tramas faziam alusões à formação e construção do território norte-americano. Os índios costumavam ser os vilões em conflitos dos “peles vermelhas” selvagens contra os homens brancos que estavam ajudando na construção da nação.

Durante as décadas de 1930 e 1950, a maioria dos filmes de *cowboys* era exibida em programas duplos, com um ingresso permitindo que o público pudesse assistir a dois longas-metragens. A primeira película era geralmente um filme B (produzido com menos recursos), para depois ser exibido o título principal. O *western* era geralmente o filme B. A palavra “geralmente” deve ser destacada, já que existiam importantes produções do gênero e que eram tratadas como a principal atração da mostra dupla. Esta situação mudou no final da década de 1950. Dificuldades financeiras no pós-guerra, que aumentaram (e muito) o custo

das produções, e a popularização da televisão extinguiram a prática de uma exibição de dois filmes pelo preço de um. Nesta nova realidade, boa parte dos *westerns* migrou das telas do cinema para as telas dos aparelhos de televisões em formato de séries. Esta mudança não foi total, mas teve um grande impacto nas produções que eram feitas para a sétima arte. Como resposta, o público perdeu interesse em pagar para ver algo no cinema, já que poderia ter um produto semelhante de graça e no conforto da sala de estar.

Carreiro explica que, apesar deste cenário, a demanda pelo gênero continuava forte fora dos Estados Unidos. Na Itália, a produtora Cinecittà, criada em 1937, se popularizou por rodar filmes destinados ao consumo popular. Estas películas eram produzidas por ciclos, e na década de 1950, o foco estava nos títulos épicos que se passavam na Roma antiga. Os produtores da Cinecittà elegeram filmes de faroeste como o ciclo da vez durante a década de 1960. Estas produções seguiam uma lógica de linha de montagem que possibilitava a gravação de dois a três filmes por semana. Apenas em 1964, a Cinecittà produziu 27 *westerns*.

Após este contexto histórico, Carreiro convida o leitor para um mergulho nas obras de Leone. Ou melhor, um passeio por este velho oeste italiano. E é justamente durante este percurso que o livro não apenas apresenta uma rica análise fílmica da obra de Leone, como justifica o fato de o estilo desenvolvido por ele ter sido tão marcante. Antes de montarmos na nossa mula para o passeio (sim, nos filmes de Sérgio Leone não vamos montar em belos alazões, mas sim em mulas), Carreiro faz um questionamento que parece guiar todo o nosso pensamento a partir de então.

Se Bordwell e Thompson afirmam que as práticas estilísticas e narrativas de Leone foram tão importantes quanto as operadas por diretores modernistas europeus como Godard, Truffaut, Antonioni, Bergman e Fellini, por qual motivo Leone não integra oficialmente este grupo? Para Carreiro, a resposta é clara, uma vez que Leone trabalhava em um ciclo de cinema feito para consumo popular dentro de um gênero fílmico de caráter igualmente popular. Isto nos faz pensar que os demais diretores citados neste parágrafo "merecem" mais respeito da academia e da crítica porque faziam filmes que não se enquadravam nesta leitura de obra para consumo e sim como cinema de arte. E o grande questionamento de Carreiro

recai na investigação sobre a questão autoral de Leone.

De volta ao nosso passeio pelo *western* italiano, Carreiro nos apresenta aos principais filmes de Leone. Aqui é importante destacar *Por um punhado de dólares* (1964), *Por um punhado de dólares a mais* (1965), *Três homens em conflito* (1966) e *Era uma vez no Oeste* (1968). O pesquisador apresenta as tramas mostrando as principais diferenças entre os filmes de Leone e as produções norte-americanas de anos anteriores.

Antes de detalhar estas diferenças, Carreiro chama atenção dos filmes de Leone como produtos que iam contra a continuidade clássica tão comum na época. Esta se caracterizava por uma narrativa dividida geralmente em três atos, planos mais longos, movimentos sutis de câmera e closes apenas para momentos importantes como frases de efeito. A prática estilística de Leone não se encaixava nestes formatos e respondia como exemplo de continuidade intensificada. Dentre as características deste formato, que começava a ganhar corpo na década de 1960, existe a divisão menos clara da narrativa em três atos e com uma cronologia mais fragmentada. Além disso, não existe apenas um protagonista. *Por um punhado de dólares a mais*, por exemplo, apresenta dois personagens principais, enquanto este número é de três em *Três homens em conflito*. Além disso, a montagem é feita com planos cada vez mais curtos e composições pictóricas com mais de uma camada de ação.

Uma das principais características apresentadas por Leone pode ser percebida no próprio herói da trama. Ou aqui deveríamos chamar este personagem de anti-herói? Nos *westerns* produzidos nos Estados Unidos, este personagem principal costumava ser um modelo de virtude e partia para a violência como uma forma de justiça. O *cowboy* norte-americano até poderia viver fora do convívio social, como o personagem de John Wayne em *Rastros de ódio* (1956). No filme de John Ford, Wayne busca vingança após sua família ter sido morta por índios e duas sobrinhas terem sido sequestradas. Aqui existe uma justificativa da violência e um papel de justiceiro por este personagem.

Os heróis de Leone não seguem tais características. Eles são violentos, amorais e individualistas. A cena de abertura de *Por um punhado de dólares* já deixa claro este perfil do anti-herói como uma inovação criativa. No filme, o

personagem de Clint Eastwood assiste a uma criança ser chutada e quase morta a tiros pelos vilões e nada faz para ajudar. Ele literalmente ignora o que está acontecendo diante dele e continua tomando água. Este novo anti-herói não hesita em usar a violência para se impor, podendo, inclusive, atirar em pessoas desarmadas ou até pelas costas.

Outra diferença do anti-herói italiano para o norte-americano é a forma como este se apresenta visualmente. A maioria das produções gravadas nos Estados Unidos trabalhava com personagens limpos, bem vestidos, cabelos cortados e barbas feitas. Leone foi contra este caminho ao pensar em roupas velhas e queimadas pelo sol. A vida naquele terreno árido não deveria ser fácil e alguns destes personagens não tinham residências fixas. Eles ficavam vagando pelo deserto, de lugar em lugar, sempre procurando um próximo endereço. Para Leone, era inconcebível que eles se vestissem bem e passassem noção de serem bem cuidados. Assim, os personagens do *spaghetti western* eram sujos, mal vestidos, cobertos de areia, tinham barbas feias e mal feitas. Ainda em *Por um punhado de dólares*, o personagem de Eastwood monta em uma mula, e não num belo cavalo, como era tão comum nas produções rodadas nos Estados Unidos.

A apresentação deste novo tipo de herói serve para entendermos a própria violência no *spaghetti western* como outro recurso estilístico da continuidade intensificada que responde como a representação gráfica da violência. Nos filmes de Leone, podemos observar claramente personagens sendo baleados e levando surras. Além disso, era possível ver em um único enquadramento a mão do cowboy que atirava e acertava seu adversário. Nos filmes de *western* rodados nos Estados Unidos, estas sequências até aconteciam, porém com cortes. Como exemplo, basta pensar que veríamos o tiro em uma primeira cena e apenas em outra, após o corte, seria possível ver o personagem baleado. Leone deu veracidade para a ação.

Ainda sobre as variações do trabalho de Leone, outro exemplo bastante recorrente responde pela utilização de *close-ups* extremos. Um close padrão no cinema representa uma imagem fechada no rosto do personagem, mas com a possibilidade de vermos o cenário ao fundo. Os *close-ups* extremos de Leone fechavam a imagem acima do pescoço e cortavam na altura da testa. Esta era a

forma de expressar o máximo da emoção de seus atores e, muitas vezes, servia para disfarçar limitações orçamentárias, como poucos figurantes no local.

A trilha sonora foi outro elemento marcante na obra de Leone. Na verdade, muito além de simplesmente ilustrar sonoramente as cenas, a música composta por Ennio Morricone ajudava na escolha dos ângulos de câmera modulando a dramaticidade da cena. Dentro desta proposta, é possível perceber nestes filmes uma perfeita sincronia da trilha com a edição de imagens.

Aqui já é interessante observar como estas mudanças iam contra o tipo de *western made in USA* que o público estava acostumado a assistir e como estas produções italianas faziam sucesso internacional. Antes de *Por um punhado de dólares* ser lançado, os primeiros filmes do *spaghetti western* pareciam variações dos filmes feitos nos Estados Unidos. Com o sucesso de Leone, quase todos os cineastas da Cinecittà passaram a copiar o estilo dele.

Desta forma, aqui torna-se necessário expandir o debate justamente sobre a definição de gênero. No livro, Carreiro cita o pensamento de Altman que, dentro desta leitura, explica que gêneros não representam entidades historicamente estáveis, podendo e devendo sofrer alterações. Seguimos então afirmando que o cinema lida com o familiar para agradar ao seu público, mas a repetição total pode gerar desinteresse. Em outras palavras, o familiar deve conter variações.

Dentro desta leitura, Carreiro nos faz perceber com o seu texto que Leone trabalhou dentro de uma tradição, porém revisando-a e atualizando-a. Este responde como um processo quase natural para garantir a sobrevivência e popularidade de gêneros, de uma forma geral. Mas o trabalho de Leone também serviu para intensificar o gênero. Uma curiosidade do texto de Carreiro é que ele traz poucas, porém muito bem escolhidas citações do próprio Leone. As entrevistas utilizadas por Carreiro foram publicadas décadas após as produções dos filmes e servem para demonstrar os questionamentos do próprio cineasta sobre a sua obra e estilo.

Torna-se então possível entender como Leone passou a escrever marcas autorais dentro do gênero, através da sua forma de fazer releituras que subvertiam os filmes de *cowboys*. Como consequência, Carreiro nos lembra a afirmação feita por Baudrillard, de que Leone teria sido o primeiro cineasta pós-moderno. O estilo

Leone de filmar atravessou o Atlântico e serviu de inspiração para novos cineastas norte-americanos. O modo realista de representar violência, desenvolvido por Leone, passou a ser adotado pelos cineastas da geração *New Hollywood* que surgiu em meados das décadas de 1960 e 1970. Destaque para nomes como Martin Scorsese, Francis Ford Coppola, William Friedkin, John Carpenter, Stanley Kubrick, Brian de Palma, George Lucas, John Milius, entre outros.

Alguns destes diretores reconhecem publicamente a influência que receberam das obras de Leone. John Milius, por exemplo, lembra que uma das sequências mais famosas de *Três homens e um segredo* era analisada plano a plano durante aulas de edição, na University of South California. Kubrick admitiu que a representação da violência em *Laranja Mecânica* (1971) foi inspirada pelos *westerns* de Leone. Alguns destes cineastas levaram a obra do italiano para além dos estúdios. Carpenter usou um dos temas musicais dos filmes de Leone para tocar no seu próprio casamento.

Dos cineastas contemporâneos, Quentin Tarantino é um dos mais celebrados pela crítica justamente pela questão estilística. Fã confesso de Leone, Tarantino não apenas já deixou claro em entrevistas o quanto foi influenciado pela obra do italiano, como criou expressões que remetem ao *spaghetti western* para dar instruções quando está filmando. Ao rodar seus filmes, Tarantino não pede que o operador de câmera faça um *close-up* extremo, mas sim um ângulo "Sergio Leone".

Ao finalizar *Era uma vez no spaghetti western - O estilo de Sergio Leone*, o leitor, principalmente aquele que nunca tinha ouvido falar de Leone ou do *spaghetti western*, é levado a reconhecer a importância do trabalho do diretor não apenas para o gênero, mas para o cinema, de modo geral. Por este motivo, o texto de Carreiro se mostra como um precioso documento analítico sobre as escolhas estilísticas de Leone e seus impactos na sétima arte.